



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Regina Braga Silva

Professora Dr^a Edileuza Fernandes da Silva e
Professora Ms. Enilvia rocha Morato Soares

Brasília DF, Maio de 2013

Regina Braga Silva

AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Dra. Edileuza Fernandes da Silva e da Professora monitora-orientadora Mestre Enilvia Rocha Morato Soares.

TERMO DE APROVAÇÃO

Regina Braga Silva

AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em
Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Dra. Edileuza Fernandes da Silva
(Professora-orientadora)

Prof.^a Mestre Enilvia Rocha Morato Soares
(Monitora-orientadora)

Prof.^a Mestre Vânia Leila de Castro Nogueira

(Examinadora externa)

Brasília, maio de 2013

Aos meus pais, razão da minha existência; ao meu esposo Pedro, pelo carinho e apoio nos momentos de dificuldades; aos meus filhos João Pedro e Manuela, pelo carinho, amor e compreensão que me deram forças para concluir mais esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me iluminou e me deu forças para vencer mais esta etapa; a minha professora-tutora Dra. Edileuza Fernandes da Silva, pelos ensinamentos valiosíssimos; a minha orientadora-tutora Mestre Enilvia Rocha Morato pela paciência e orientação tão necessárias para a conclusão deste trabalho.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa buscou conhecer e compreender as percepções dos estudantes do 9º ano de escolaridade de uma escola da rede pública do Distrito Federal acerca da avaliação de suas aprendizagens. O estudo se efetivou a partir de uma abordagem qualitativa e os dados foram levantados por meio da análise documental e da aplicação de um questionário aos alunos da turma colaboradora do estudo. Os alunos demonstram não conhecer os critérios utilizados por seus professores para avaliá-los e mostraram-se satisfeitos pela forma como costumavam ser avaliados que, segundo eles próprios, se resumia basicamente à realização de provas e testes em momentos específicos e pontuais. Essas percepções indicam desconhecimento, por parte dos estudantes, de outros instrumentos e procedimentos de avaliação, supostamente por terem sido, na maior parte do tempo de sua formação, avaliados por meio de testes e provas, passando então a concebê-los de forma naturalizada.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Avaliação; Prova.

SUMARIO

APRESENTAÇÃO	9
AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS.....	10
AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: PARA CLASSIFICAR OU PARA FORMAR?	13
METODOLOGIA.....	19
DESCREVENDO O CAMINHO DA PESQUISA.....	21
AVALIAR PARA QUÊ?.....	22
COMO ESTOU SENDO AVALIADO?.....	24
E AÍ, QUAL A MINHA NOTA?.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO QUESTIONÁRIO.....	30

APRESENTAÇÃO

Durante os dez anos em que atuei em sala de aula, lecionei a disciplina de Ciências. Sempre me preocupei com as avaliações que realizava e com os resultados nem sempre exitosos, apresentados pelos alunos. Por isso, constantemente me indagava: será que estou utilizando os instrumentos e procedimentos adequados para que os alunos evidenciem seus conhecimentos ou os alunos não se importam com a avaliação e acabam por fazê-la de qualquer jeito? No entanto, nunca me ocorreu a ideia de ouvir que pensavam a esse respeito os principais sujeitos envolvidos nesse processo: os próprios alunos.

Neste ano quando me tornei coordenadora e comecei a fazer o curso de especialização em coordenação pedagógica, percebi a importância da formação continuada para os professores nas coordenações pedagógicas, uma vez que constitui um espaço que nos oportuniza estudar e debater textos que ajudam a nortear os nossos trabalhos, incluindo nossos modos de avaliar os estudantes. Atentei-me ainda quanto à importância de dar voz aos alunos, segmento muitas vezes negligenciado no contexto escolar.

A necessidade de buscar respostas às minhas dúvidas em relação à promoção das aprendizagens dos alunos por meio das avaliações e compreender como os alunos percebem esse processo é que me conduziu à necessidade de buscar compreender *qual o significado da avaliação da aprendizagem para um grupo de estudantes do 9º ano de escolaridade de uma instituição pública de ensino do Distrito Federal?* Desse modo, elegi como objetivo geral do estudo:

Analisar as percepções de um grupo de estudantes do 9º ano de escolaridade de uma escola da rede pública de ensino do DF acerca das avaliações a que são submetidas suas aprendizagens.

E como objetivos específicos:

- ✓ Identificar os principais instrumentos e/ou procedimentos utilizados pelos professores para avaliar os estudantes colaboradores do estudo.
- ✓ Analisar o entendimento dos estudantes participantes da pesquisa sobre o modo como costumam ser avaliados.

AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

O termo avaliação da aprendizagem já há algum tempo vem sendo analisado, debatido, questionado e se tornou alvo de pesquisa por parte de alguns estudiosos e pesquisadores. Um dos principais motivos destas pesquisas e estudos são os altos índices de reprovação escolar, fruto às vezes deste modo de avaliar que, muitas vezes, conduz à reprovação o que acaba por elevar o índice de evasão escolar, já que o aluno acaba perdendo a motivação pelos estudos, preferindo abandonar a escola.

A avaliação das aprendizagens, como bem disse Villas Boas (2008, p.24), quando “mal praticada alia-se ao trabalho escolar desprovido de prazer e de sentido não só para alunos, mas também para professores”. A falta de sentido dos conteúdos escolares para os alunos leva-os ao descaso com a aprendizagem e uma avaliação mal conduzida acaba por agravar a situação, já que o que eles aprendem não é valorizado pelos professores e acaba evidenciando apenas o que ainda não foi aprendido. Por outro lado os professores também perdem o prazer em ensinar, já que seus alunos não alcançam os objetivos propostos por eles em relação aos conteúdos trabalhados. A esse respeito, Hoffmann afirma que:

O temeroso é que a escola vem perdendo gradativamente o sentido crítico necessário à vida que enfrentamos hoje. A criança e o jovem frequentam as escolas, mas não “vivem” a escola. As perguntas da escola não estão para serem respondidas ou descobertas no seu dia-a-dia, ou para lhes auxiliar a enfrenta-lo. “Escola é escola” para eles, a vida é diferente. (HOFFMANN, 2003, p. 26 (grifo do autor)).

Os alunos não costumam buscar na escola um complemento para as suas vidas. Em geral, eles vão para a escola porque são “obrigados”, seja pelos pais ou em função do que é determinado pela lei que estabelece que a educação escolar seja obrigatória. O que lhes é ensinado na escola não é, muitas vezes, utilizado no seu cotidiano. Os professores acham que só transmitir o conteúdo estabelecido no currículo é suficiente para que o aluno se prepare para uma vida melhor.

Os discentes que hoje se encontram nas escolas buscam muito mais do que isso. Nesse sentido, a escola deve estar inovando, buscando novos meios para se relacionar com esses estudantes, a fim de tornar significativa as suas aprendizagens. “Sentir que o trabalho lhe

pertence permite ao aluno perceber-se valorizado, isto é, ser reconhecido e compreendido pelo professor e pelos colegas.” (VILLAS BOAS, 2008, p.28).

Algumas atitudes por parte dos professores podem contribuir para que o trabalho pedagógico tenha sentido para os alunos. Isso acontece, muitas vezes, quando o professor cria oportunidades para que o aluno sinta que ele é o autor de suas atividades e se sinta responsável por suas tarefas. Desse modo, o desenvolvimento dos estudantes tem maiores chances de acontecer de forma exitosa.

Outros dois aspectos relevantes para o envolvimento dos alunos no trabalho pedagógico são a valorização dos trabalhos realizados por eles e o respeito à sua pessoa.

O trabalho que é valorizado pelo professor, conseqüentemente, também o será pelos demais alunos da turma, porque todos presenciam o que acontece na sala de aula. Outra característica na qual vale a pena investir para tornar o trabalho pedagógico prazeroso é o respeito às produções do aluno e à sua pessoa. (VILLAS BOAS, 2008, p. 29)

Os professores, mesmo que de maneira ainda tímida, demonstram estar buscando práticas transformadoras e inovadoras para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, conseqüentemente das avaliações que realizam. É comum presenciarmos momentos em que os professores estão questionando as práticas desenvolvidas nas escolas em razão do alto índice de reprovação. Isso indica que é preciso romper com esses processos que excluem e selecionam, negando ao aluno a oportunidade do seu desenvolvimento.

Os diversos fios que tecem o cotidiano escolar, as dobras que ocultam e revelam, as palavras que falam e calam, vão nos indicando simultaneamente o esgotamento dos processos de negação, seleção e exclusão, e a emergência de possibilidades de ruptura com esses processos. (ESTEBAN, 2003, p.17)

É preciso romper com esse processo avaliativo em que o resultado acaba sendo excludente, levando os alunos ditos mais fracos, a serem classificados como não aptos a prosseguirem no processo ensino-aprendizagem. A avaliação deve servir de investigação para que o professor possa desenvolver o seu trabalho abrindo espaço para a heterogeneidade. Os alunos construirão o seu saber, através dos erros e acertos; sendo os erros considerados parte dessa caminhada e muitas vezes necessários para se chegar aos acertos. Segundo Esteban, a

polêmica acerca dos resultados apresentados pelos estudantes gira em torno dos erros que cometem.

Enquanto algumas professoras percebem o erro como parte do processo ensino/aprendizagem, outras percebem o erro como a confirmação da impossibilidade da criança. A presença do erro, mais do que acerto, coloca em discussão a prática pedagógica (2002, p. 58).

A aceitação do erro como parte do processo possibilita ao professor tomá-lo como indicativo para tomada de decisões acerca do seu trabalho no sentido de atender as necessidades de cada estudante, a fim de promover o seu avanço. Nesse sentido, o erro encontra-se imerso em um processo avaliativo formativo. Em contrapartida, conceber o erro como incapacidade dos estudantes indica sua inclusão em uma avaliação que tem como pressuposto básico classificá-los em aptos ou inaptos para prosseguir na construção de seu conhecimento. A avaliação classificatória, como bem disse Esteban, é limitada pela perspectiva de que todos aprendem do mesmo modo e ao mesmo tempo. A esse respeito, a autora esclarece que:

A avaliação como processo de classificação está limitada por ter em sua raiz a homogeneidade; como prática de investigação se configura uma perspectiva de heterogeneidade, abrindo espaço para que o múltiplo e o desconhecido ganhem visibilidade. (2003, p. 22)

Os professores devem conceber como natural a heterogeneidade dos indivíduos presentes em suas salas de aulas. Os alunos são diferentes, possuem tempos e modos diversos de aprendizagem. Porque então são avaliados como sendo todos iguais? Eles precisam ser respeitados em suas diferenças para que possam mostrar os seus conhecimentos e as suas descobertas ao longo do processo ensino-aprendizagem.

AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: PARA CLASSIFICAR OU PARA FORMAR?

O processo avaliativo, como já foi dito, é objeto de muitos estudos que questionam as formas como os alunos vêm sendo avaliados, buscando assim uma avaliação que vise valorizar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do processo ensino/aprendizagem. Avaliar o que se aprendeu, caso não tenha aprendido, rever os métodos de ensino.

A avaliação deveria ser uma mediação para a qualificação da prática educativa escolar. No entanto, não é isto que vem ocorrendo dado que, quando surgem dificuldades em sala, procura-se resolver pela pressão da nota, e as questões pedagógicas fundamentais não são devidamente enfocadas. (VASCONCELLOS, 2006, p. 140).

Essa mediação nem sempre acontece, os resultados obtidos nas avaliações são considerados como resultados finais, em geral como notas usadas para aprovar ou reprovar os alunos, e o déficit de aprendizagem adquirido pelo aluno não volta a ser trabalhado pelo professor. A responsabilidade de resultados insatisfatórios recai, muitas vezes, sobre o aluno alegando que ele não aprendeu porque não prestou atenção ou porque não estudou para a prova. Perrenoud (1999) caracterizou assim os procedimentos avaliativos que ocorrem na maioria das escolas públicas:

1. Após ter ensinado uma parte do programa (um capítulo, algumas lições, uma unidade de sequências didáticas apresentando uma unidade temática), o professor interroga alguns alunos oralmente ou faz uma prova escrita para toda a turma.
2. Em função de seus desempenhos, os alunos recebem notas ou apreciações qualitativas, que são registradas e eventualmente levadas ao conhecimento dos pais.
3. Ao final do trimestre, do semestre ou do ano, faz-se, de uma maneira ou de outra, uma síntese das notas ou das apreciações acumuladas sob a forma de uma média, de um perfil, de um balanço qualquer.
4. Combinado a apreciações sintéticas de mesma natureza para o conjunto das disciplinas ensinadas, esse balanço contribui para uma decisão no final do ano escolar, admissão ou transferência para determinada habilitação, acesso a determinado nível, obtenção ou não de um certificado, etc. (PERRENOUD, 1999, p.65)

A realidade das escolas tem nos mostrado o que disse Perrenoud. Os professores preparam suas aulas de acordo com os currículos ou livros didáticos adotados, explicam os capítulos e em seguida realizam testes ou provas. Os resultados, satisfatórios ou não, são lançados em seus diários, ao final do bimestre com base nas somatórias das médias adquiridas ao longo desse período e por fim são transmitidos aos pais. Aqueles alunos cujas notas estão acima da média estabelecida são parabenizados e em alguns casos chegam a receber certificados de alunos destaques ou de aluno nota dez. Em contrapartida aquele aluno que não conseguiu alcançar a média costuma ser deixado de lado, rotulado muitas vezes de bagunceiro, desinteressado e indisciplinado.

Os professores falam muito sobre a questão dos alunos estarem desinteressados pelo processo de aprendizagem, atribuem quase sempre a culpa pelo desinteresse aos pais, ao sistema que favorece a aprovação e não a reprovação. A falta de estrutura familiar, os problemas de violência, a falta de objetivos de vida são fatores que podem contribuir para que os alunos cheguem desmotivados à escola. Porém, a escola também não tem contribuído para que esse aluno se sinta melhor, oferecendo-lhe condições para desenvolver se como cidadão. Vasconcellos (2006) fala sobre essa preocupação dos docentes:

Os docentes atribuem uma enorme importância ao interesse no processo educativo; consideram que os alunos deveriam vir interessados para a sala de aula; entendem que os pais têm relevante parcela de responsabilidade na falta de interesse; consideram ainda que as medidas tomadas pelos dirigentes no sentido de “favorecer a aprovação” são também elementos que levam os alunos a se desinteressar pelo estudo. Através destes dados, é possível perceber a relação que fazem – mesmo que inconscientemente – entre interesse e coação/pressão/medo. (VASCONCELLOS, 2006, p. 134 grifo do autor).

Muitos fatores além do desinteresse podem levar os alunos a não alcançar as médias estabelecidas. Um deles pode ser o simples fato de não terem conseguido aprender os conteúdos trabalhados. Desse modo, é possível inferir que a forma de avaliação tradicional que tem sido utilizada na maioria das escolas não tem contribuído para promover as aprendizagens dos estudantes, como seria o caso da avaliação formativa, e sim para constatar fatos considerados imutáveis e de responsabilidade do próprio aluno e/ou de suas famílias.

As práticas avaliativas como essa, consideradas classificatórias, contribuem para a exclusão dos alunos que não obtiveram ou não alcançaram uma nota média pré-avaliação tradicional e a avaliação formativa:

A avaliação tradicional, não satisfeita em criar fracasso, empobrece as aprendizagens e induz nos professores, didáticas conservadoras e, nos alunos, estratégias utilitaristas. A avaliação formativa participa da renovação global da pedagogia, da centralização sobre o aprendiz, da mutação da profissão de professor: outrora dispensador de aulas e lições, o professor se torna o criador de *situações de aprendizagem* “portadoras de sentido e regulação”. (PERRENOUD, 1999, p.18 grifo do autor).

De acordo com Perrenoud a avaliação tradicional, além de criar o fracasso dos alunos, empobrece suas aprendizagens, induzindo os professores a utilizarem didáticas conservadoras. Em caminho oposto a este, temos a avaliação formativa que transforma o professor em um criador de situações de aprendizagens, sendo mediador entre o ensinar e o aprender, deixando o aluno no centro deste processo e tornando a aprendizagem significativa. Durante a avaliação formativa o professor consegue fazer um diagnóstico das aprendizagens dos estudantes e repensar o seu trabalho de modo a contribuir para a melhoria desse processo. “É nesta modalidade que se investigam os processos de construção do conhecimento e neles se intervém”. (ESTEBAN, 2003, p.136).

Outro aspecto observado no processo avaliativo tradicional é a utilização de provas em dias específicos. Os alunos acabam percebendo que o dia mais importante é o dia da prova, nos outros dias ele não vê motivo para se esforçar para aprender. “Na escola ela ocorre num tempo programado (dia de prova, dia de fazer boletim, dia de apresentar resultados)” (HOFFMANN, 2006, p.147).

Estamos em constante processo avaliativo no nosso dia a dia, avaliamos as nossas ações, avaliamos as nossas escolhas e caso percebamos que fizemos a escolha errada voltamos e refazemos, mudamos as nossas ações buscando práticas diferentes que nos levem aos nossos objetivos. As avaliações diárias nos levam à reflexão, nos levam a mudanças de atitudes para buscarmos as melhores soluções para os problemas encontrados em nossas vidas. Na escola não deveria ser diferente, o processo avaliativo deveria servir de reflexão para a busca de novos caminhos para se alcançar os objetivos propostos.

Se a avaliação na vida tem gosto de recomeçar, de partir para melhor, de fazer muitas outras tentativas, por que, na escola, se mantém o significado sensitivo, de constatação, prova de fracasso, periodicidade rígida? Sua rigidez, sua formalização secular, obstaculiza a espontaneidade natural ao processo. (HOFFMANN, 2006, p.149)

As práticas pedagógicas dos professores precisam incentivar os alunos a analisar e avaliar seus desempenhos, verificando o que precisa ser feito, estudado, elaborado ou reelaborado para superar as dificuldades apresentadas. Desse modo, as práticas docentes estarão voltadas para o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos alunos. Essa é também uma forma de avaliar formativamente, ou seja, contribuindo para conduzir os estudantes à auto-avaliação.

É por meio da auto-avaliação que os alunos adquirem condições de entender como anda a sua aprendizagem. Eles analisam as atividades desenvolvidas ou que ainda estejam desenvolvendo, identifica as dificuldades encontradas e também o que já aprendeu, sugerindo ações que visem melhorar a sua aprendizagem. A auto-avaliação fornece ao professor dicas para reorganizar o seu trabalho pedagógico através de estratégias capazes de desenvolver a autonomia do aluno. Villas Boas fala sobre a auto-avaliação como um processo emancipatório do aluno visando o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem:

A auto avaliação não visa a atribuição de notas ou menções pelo aluno; tem o sentido emancipatório de possibilitar-lhes refletir continuamente sobre o processo da sua aprendizagem e desenvolver a capacidade de registrar suas percepções. Seu grande mérito é ajudar o aluno a perceber o próximo passo do seu processo de aprendizagem. (VILLAS BOAS, 2008, p.52)

O professor deve, portanto, orientar a construção do saber, elaborando estratégias que levem o aluno a atuar de forma autônoma, despertando nele a curiosidade e a motivação para o seu desenvolvimento, levando-o reconhecer a importância de se envolver integralmente em seu processo de construção da aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem ocorre agindo sobre o que se pretende conhecer, explorando, fracassando, tentando, corrigindo, construindo explicações, fazendo analogias e refletindo, cabe ao professor planejar ambientes que favoreçam essas práticas. Sua intervenção deve ser então colaboradora, contínua e centrada em perguntas, dicas e

orientações que auxiliem o aluno a realizar suas tarefas, aprender com elas, elaborar conceitos a partir de suas próprias percepções e a modificá-los à medida que amplia seu conhecimento.

O processo avaliativo deve ser espontâneo, sem tempo para começar e terminar. Dessa forma consegue-se dar o verdadeiro significado da avaliação que é refletir sobre as ações tomadas e, caso não esteja a contento, retomá-las no sentido de aprimorá-las.

A avaliação tradicional não permite ao aluno a ação após a reflexão, a nota que ele tira na prova é o resultado final, julga-se que não está bom, porém nada é feito para que o aluno possa ter oportunidades de mudar, de refazer os seus conceitos e adquirir os conhecimentos necessários para uma aprendizagem significativa.

Por todos os motivos expostos, os professores precisam estar atentos aos meios utilizados nos processos de ensino incluindo as avaliações que realizam das aprendizagens dos estudantes sob sua responsabilidade. Vivemos em novos tempos, os alunos de hoje costumam chegar às escolas, dotados de conhecimentos, principalmente adquiridos por meio de recursos tecnológicos diversos. Os alunos em contato com esses e outros recursos presentes no meio social, buscam na escola algo que lhes seja também significativo. A avaliação formativa pode contribuir nesse processo de significação das aprendizagens adquiridas pelos alunos. “É formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”. (PERRENOUD, 1999, p.103).

Nesse sentido, é preciso rever nossas posturas enquanto educadores a fim de pensar novas práticas que possam tornar as aprendizagens dos alunos significativas. Uma importante contribuição para alcançar este propósito seria mudar nossa forma de avaliar, possibilitando a aprendizagem de todos os estudantes.

Porém, mudanças não ocorrem com facilidade. Os professores muitas vezes até questionam-se pela forma como avaliam os seus alunos, mas nem sempre conseguem êxito no seu intuito de imprimir modificações em sua prática. Mudar requer abandonar hábitos ou conceitos em grande parte já enraizados pela formação recebida e pelas experiências profissionais vivenciadas. Por isso, muitas vezes, a avaliação como forma de medir o conhecimento e classificar os alunos é vista pelos professores como a forma correta para dizer se os alunos alcançaram ou não os objetivos propostos.

Introjetou-se a ideia de avaliar como medir, julgar quem merece ou não ir para frente. Na hora de mudar, há o obstáculo deste paradigma, muitas vezes inconsciente. Este é um grande entrave: o professor foi formado neste esquema, nele cobrado e imerso. Daí vem a perplexidade diante da dificuldade em alterar de fato a prática, embora até já tenha conhecimento de uma nova concepção. (VASCONCELLOS, 2006, p. 16).

Os professores; como foi dito por Vasconcellos, podem até ter conhecimento de uma nova concepção de avaliação, mas daí, partir para uma mudança efetiva na sua forma de avaliar ainda é um longo caminho a ser percorrido, em parte por não ter certeza de que mudar é possível, em outra por não ter convicção dos conceitos novos a serem desenvolvidos. Outro aspecto que dificulta a mudança dos professores é não saber qual procedimento ou caminho seguir. “Um outro aspecto subjetivo que dificulta a mudança é não saber *o que e como* fazer; uma coisa é *ter ouvido falar*, outra é ter competência para colocar aquilo em prática”. (VASCONCELLOS, 2006, p. 17 grifo do autor).

É preciso, portanto, que os professores se apropriem dos conhecimentos que fundamentam um processo avaliativo formativo, uma vez que, só podemos traçar novos caminhos quando temos certeza de onde queremos chegar. Muitos auto retratam sobre o tema da avaliação a partir de estudos e pesquisas científicas. Suas reflexões poderão auxiliar discussões que nos são fundamentais à compreensão desse processo.

Um ambiente de aprendizagem deve ser o lugar comum de professores e alunos, em que princípios didáticos e psicopedagógicos formam e reformam suas concepções de aprendizagem, de modo que possam concebê-la como um processo que requer a participação ativa daqueles que querem aprender, entendendo como participação ativa o envolvimento em atividades de reflexão, interação e cooperação. Isso é válido não só para os estudantes como também para os professores.

METODOLOGIA

Esta pesquisa visou observar e analisar o significado das avaliações das aprendizagens para os alunos do 9º do ensino fundamental de uma escola pública do Distrito Federal.

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, considerando que “a pesquisa qualitativa ajuda a identificar questões e entender porque elas são importantes” (MORESI, 2003, p.69). A pesquisa qualitativa mostra-se, portanto, adequada a esse estudo, uma vez que seu foco consiste em buscar entender as questões relacionadas à aprendizagem significativa no conceito dos alunos observados.

Os dados qualitativos - a matéria-prima produzida por estes métodos – consistem de descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações comportamento observados; citações diretas das pessoas acerca de suas, experiências, atitudes, crenças e pensamentos; e extratos ou passagens inteiras de documentos, registros de correspondência e históricos de casos. (MORESI, 2003, p.70)

Os dados foram levantados por meio da análise documental quando foram analisadas 03 provas, 02 cadernos, 05 trabalhos de pesquisa e outras atividades realizadas pelos estudantes. Foi ainda aplicado um questionário que foi respondido por 40 alunos de uma turma do 9º ano de escolaridade contendo questionamentos a respeito de suas percepções sobre o modo como são avaliados em sala de aula e o significado desse processo para o progresso de suas aprendizagens no decorrer do ano letivo.

Como vantagens da utilização do questionário como instrumento de coleta de dados, pode-se dizer que sua aplicação economiza tempo e obtém grandes números de dados, sem contar que atinge maior número de pessoas simultaneamente e que obtém respostas mais rápidas e mais precisas. (FIGUEIREDO 2009, p.20)

Outra vantagem da utilização do questionário para esse estudo consiste no fato de que esse instrumento dará aos estudantes a oportunidades de expressarem livremente suas opiniões sobre as avaliações a que são submetidos atualmente e a respeito das várias experiências vivenciadas ao longo da sua vida escolar.

Como também já foi mencionada, a análise de documentos foi outro procedimento utilizado para levantamento de informações para o estudo. Foram analisadas as atividades utilizadas pelos professores para avaliar os alunos, incluindo as provas realizadas pelos mesmos.

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. (LUDKE E ANDRE, 1986, p.39)

Por esse motivo, analisar as atividades avaliativas dos estudantes poderá ser uma rica fonte de dados para essa investigação.

A escola onde os alunos participantes da pesquisa estudam é um Centro de Ensino Fundamental da rede pública de ensino do DF, situada na cidade do Recanto das Emas, que atende pela manhã alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade, cinco turmas de 6º anos, quatro turmas de 7º anos, quatro turmas de 8º anos e quatro turmas de 9º anos, totalizando um total de 17 turmas; à tarde atende alunos do 1º ao 5º ano de escolaridade, duas turmas de 1ºanos, três turmas de 2ºanos, quatro turmas de 3ºanos, quatro turmas de 4ºanos e quatro turmas de 5ºanos, também com 17 turmas e à noite alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA com uma turma de 1ª série, uma turma de 2ª série, uma turma de 3ª série, uma turma de 4ª, uma turma de 5ª série, uma turma de 6ª série, duas turmas de 7ª series e duas turmas de 8ª series totalizando 10 turmas.

A escolha desta escola ocorreu pelo fato de ser o meu ambiente de trabalho e, por isso, onde vivencio e percebo a inquietação de colegas e minhas também a respeito do significado e da importância das avaliações para os alunos. Esta pesquisa buscou compreender as percepções dos estudantes a esse respeito, para contribuir para o aperfeiçoamento desse processo e, em consequência, para a melhoria do ensino/aprendizagem, uma vez que o desempenho escolar evidenciado pela escola não estava sendo satisfatório. Um exemplo desse baixo rendimento pode ser exemplificado por meio da média alcançada no IDEB que foi de 3,4 quando a meta estipulada havia sido de 3,9.

O período escolar escolhido para a realização da pesquisa foi o 9º ano de escolaridade pelo fato destes alunos estarem concluindo o ensino fundamental e, por isso, possuírem um significativo tempo de estudo e vivenciado variadas avaliações ao longo dessa trajetória.

DESCREVENDO O CAMINHO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com a aplicação dos questionários a uma turma do 9º ano de escolaridade escolhida aleatoriamente, já que a escola apresenta quatro turmas desta série. No horário de aplicação do questionário os alunos estavam sem aula, pois um professor deles havia faltado. Entrei na turma, expliquei que estava fazendo um trabalho de pesquisa, a respeito da avaliação das aprendizagens a que eles eram submetidos, e em seguida, pedi que respondessem ao questionário. Os alunos responderam ao questionário, porém, dos 40 questionários entregues, 37 foram devolvidos devidamente respondidos e três alunos entregaram em branco. Foi pedido aos alunos que tivessem atividades utilizadas pelos professores para avaliá-los guardadas em casa que me trouxessem para serem analisadas. Alguns alunos trouxeram e me entregaram algumas destas avaliações, bem como cadernos contendo “vistos” dos professores e trabalhos de pesquisa. A organização e análise desse material foram realizadas logo após o recebimento do mesmo.

AVALIAR PARA QUÊ?

No entendimento da maioria dos alunos, AVALIAR significa medir, verificar, discutir, testar, julgar, o que se aprendeu de um conteúdo ao longo de um período. Os alunos participantes do estudo veem nas avaliações a que eles são submetidos, uma forma utilizada pelos professores, para medir os seus conhecimentos. Estas foram algumas das respostas dadas por eles: “avaliar o que o aluno aprendeu no bimestre.” “uma forma de medir a qualidade de alguma coisa.” “fazer uma prova para testar conhecimentos” “testar, é você verificar o que está certo ou errado, ou algo”.

Os termos utilizados pelos estudantes nos remetem a uma avaliação de caráter classificatório, uma vez que se limita a constatar o nível de desempenho em um determinado momento. Apenas a resposta de um aluno não se encaixou nos termos utilizados pelos demais colegas de turma, ele disse: “é ver o que o aluno aprendeu e ajudar no que o aluno ainda não aprendeu”. Este é o modo como a avaliação deveria ser percebida por todos a fim de que pudesse, de fato, cumprir seu papel formativo de favorecer as aprendizagens.

No entanto, em meio a trinta e sete alunos da turma pesquisada, apenas um deles vê na avaliação não só uma forma de descobrir o que não se aprendeu, mas também um meio para que o professor possa ajudá-lo a progredir em suas aprendizagens. Segundo Villas Boas

(...) a avaliação cumpre, também, função formativa, pela qual os professores analisam, de maneira frequente e interativa, o progresso dos alunos, para identificar o que eles aprenderam e o que ainda não aprenderam, para que venham a aprender, e para que reorganizem o trabalho pedagógico. (VILLAS BOAS, 2008, p.34)

Como um dos motivos que me levaram a realizar esta pesquisa é a constante reclamação dos meus colegas em relação a não aprendizagem dos alunos, demonstradas durante os processos avaliativos realizados por eles, ao analisar as respostas dos alunos em relação à forma como percebem a avaliação, pude perceber que estes alunos são avaliados quase exclusivamente por meio de provas e testes. As declarações a seguir ilustram o que foi dito pela maioria deles: “provas, testes e às vezes perguntas orais”, “em testes, exercícios e o famoso provão”, “fazer uma prova a cada final de bimestre” e “provão e estudo dirigido”.

Os alunos não citaram outros instrumentos ou procedimentos de avaliação. Pelo que declararam os alunos participantes da pesquisa eles são submetidos a uma avaliação que tem o

propósito de classificá-los como “prontos” ou não para passar de ano (fala de um aluno). Villas Boas fala sobre o uso da prova como instrumento de avaliação e, segundo ela, “a prova torna-se um mecanismo equivocado quando é usada como único procedimento de avaliação, assumindo função classificatória”. (2008, p.91).

De acordo com a autora, os professores podem usar a prova como forma de avaliação, porém de modo, que os resultados alcançados por meio dela evidenciem o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Isso implica em associar esses resultados a outros instrumentos e procedimentos avaliativos. Implicam ainda em considerar os resultados obtidos nestas provas como ponto de partida para o planejamento do professor e não o ponto de chegada. Uma nota atribuída em momentos pontuais e muitas vezes carregada de tensão e medo não reflete a aprendizagem adquirida em um determinado espaço de tempo.

Quando questionados sobre essa relação entre as notas obtidas nas provas e o seu nível de aprendizagem, alguns alunos disseram: “nem sempre, às vezes sabemos tudo, mas na hora de executar travamos” (fala do aluno). Esta opinião, expressa por um aluno participante da pesquisa, reforça o pressuposto de que a avaliação realizada somente através das provas e testes não demonstra a aprendizagem adquirida, ou seja, o ideal é que a avaliação da aprendizagem acontecesse também por meio de outros instrumentos e procedimentos avaliativos e ocorresse de forma contínua e sistemática.

COMO ESTOU SENDO AVALIADO?

Todos os alunos consultados declararam que não conheciam os critérios de avaliação usados pelos seus professores para avaliar. Isso indica que os docentes dessa turma não explicitaram aos estudantes, os critérios que seriam utilizados para avaliá-los. Para que o aluno seja um agente ativo de seu processo de aprendizagem, é importante que os professores apresentem e discutam com eles os objetivos do ensino e os critérios de avaliação que serão adotados ao longo do período escolar. Os estudantes precisam sentir que fazem parte do processo ensino/aprendizagem, caso contrário, a aprendizagem torna-se insignificante para eles e o foco da avaliação fica centrado na obtenção de notas. Vasconcellos fala sobre essa clareza de objetivos:

Os alunos também devem ter clareza dos objetivos, para que suas ações sejam intencionais e possam melhor discuti-los e garanti-los, através da participação, avaliação, críticas e sugestões. O aluno não pode ser mero objeto da prática pedagógica, nem apenas sujeito do conhecimento: deve ser também sujeito do próprio processo educativo que está participando. (VASCONCELOS, 2006, p.171)

Quando os alunos são sujeitos ativos no processo educativo, como bem disse Vasconcellos, eles passam a participar de maneira intencional do processo educativo, tornando-se também autores das suas aprendizagens.

Ainda sobre o processo avaliativo desenvolvido por seus professores, os alunos declararam que acham coerentes as atividades utilizadas por eles. Esse contexto sugere que há falta de conhecimento, por parte dos alunos daquela turma sobre outras formas de avaliação, provavelmente por terem sido avaliados a vida toda por meio de provas. Segundo os alunos entrevistados a forma como eles estão sendo avaliados está bom, e por isso eles não acham que deve ser mudada. Apenas um dos alunos entrevistados respondeu que não concordava com a forma que costumava ser avaliado. Segundo ele: “não. É muito rigoroso”. Para a maior parte dos alunos participantes desta pesquisa é normal serem avaliados de forma classificatória, já que segundo esses estudantes, “os professores ensinam a matéria e nós aprendemos e eles dão as provas bimestrais para ver se estamos prontos para passar de ano”.

A utilização de testes e as provas como instrumentos de avaliação demonstram ser, aos olhos dos alunos, os únicos meios pelos quais eles podem ser avaliados. Foi por eles declarado: “sim o único modo que a escola tem para testar o nosso conhecimento”... e “sim,

porque as formas são como todas as outras escolas oferecem...” Isso indica que eles consideram natural o uso quase que exclusivo desses instrumentos e, ao mesmo tempo, adequado para avaliar suas aprendizagens, não havendo necessidade de mudanças. A análise desse contexto permite inferir que estes alunos foram avaliados, durante parte significativa do tempo de sua formação, por meio de testes e provas e, por isso, ignoram haver outros instrumentos e procedimentos adequados para avaliar suas aprendizagens.

E AÍ, QUAL A MINHA NOTA?

Como já foi dito anteriormente, os alunos participantes desta pesquisa me encaminharam algumas atividades utilizadas pelos seus professores para avaliá-los, dentre elas, provas, testes, trabalhos de pesquisa e cadernos com vistos de alguns professores que eram pontuados como demonstração de participação nas aulas.

Por meio da análise destes materiais, pude perceber que os professores utilizavam, além das provas e testes, trabalhos de pesquisa, em que os alunos pesquisavam sobre algum tema, entregavam o registro desta atividade para o professor, ele corrigia e devolvia para o aluno. Os cadernos serviam como forma de avaliar a participação dos alunos. Os professores folheavam esse material dando visto nas atividades feitas, não se importando se estas estavam corretas ou não ou se haviam sido copiadas de outra pessoa. Independente da forma como haviam sido feitas, o aluno obtinha uma nota por ter mostrado a atividade realizada.

Como já foi dito, é certo que os professores devem utilizar outros meios, além da prova para avaliar as aprendizagens dos estudantes. No entanto, esses meios devem ser utilizados de modo que possa auxiliar os estudantes no processo de construção do conhecimento. Por exemplo, ao olhar as atividades realizadas pelos alunos nos cadernos os professores deveriam atentar-se para perceber se o aluno aprendeu ou não, e a partir daí direcionar as suas aulas conforme o ficou evidenciado. Uma atividade realizada por meio de cópia não demonstra aprendizagem e a nota atribuída a ela estimula a busca pela nota por meios escusos e a realização de atividades com o objetivo de obter notas e não pela aprendizagem que poderia ser construída por meio de sua realização. A esse respeito Freitas (2003, p. 28-29) assevera que:

O aluno é cada vez mais conformado a ver a aprendizagem como algo que só tem valor a partir da nota (ou aprovação social), que lhe é externa, e a troca pela nota assume o lugar da importância do próprio conhecimento como construção pessoal e poder de interferência no mundo. O processo de avaliação adquire centralidade na escola, porque faz parte da gênese do aparecimento da forma escolar – separada da vida.

Merece ser destacado que, nas respostas dos alunos em relação à coerência entre os conteúdos trabalhados e as atividades avaliativas utilizadas pelos professores, todos os alunos afirmaram que os professores avaliavam de acordo com o conteúdo e com as atividades trabalhadas em sala de aula. Foi afirmado por eles: “sim, somos avaliados com o mesmo conteúdo estudado ou trabalhado em sala de aula” “sim, o professor só passa na prova o que

ele trabalhou em sala”. Apesar das atividades serem coerentes com os conteúdos trabalhados, os resultados alcançados nem sempre eram satisfatórios, fato que evidencia a relação entre o conteúdo e a prova, os estudantes não relacionaram os conteúdos ao conhecimento/aprendizagem que deveriam alcançar ao longo da vida estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as percepções dos alunos de uma turma do 9º ano de escolaridade de uma escola pública do Distrito Federal sobre as avaliações a que costumavam ser submetidos. Os dados obtidos durante o estudo revelaram que eles são avaliados por seus professores basicamente por meio de provas e testes. Os estudantes afirmaram considerar esses meios adequados para avaliar suas aprendizagens, não havendo necessidade de mudanças por parte de seus professores.

O uso das provas e testes como instrumentos avaliativos, por si só, não é considerado incorreto; o que se deve observar é quanto à necessidade de utilização de outros instrumentos e procedimentos avaliativos a fim de obter outros dados a respeito do desempenho dos alunos e quanto ao uso, pelos professores, dos resultados obtidos por meio das provas e testes para a revisão de sua prática, o redirecionamento de seu trabalho em benefício das aprendizagens dos estudantes. Esta pesquisa não obteve dados suficientes para verificar o tratamento dado pelos professores aos resultados obtidos pelos estudantes, ficando como sugestão para uma nova pesquisa.

Apesar de alguns alunos terem citado os trabalhos de pesquisa e os cadernos como instrumentos para a avaliação de suas aprendizagens, o modo como eram encaminhados junto aos alunos não demonstrou contribuir, de maneira significativa, para o conhecimento, pelos professores, das reais condições de aprendizagem dos alunos.

O estudo evidenciou ainda, desconhecimento por parte dos estudantes, sobre os critérios usados por seus professores para avaliá-los e quanto à existência de outras formas de avaliação que não sejam as provas e testes bimestrais. O significado do sucesso escolar para os estudantes participantes desta pesquisa se resume, portanto, em obter uma nota ao final de cada bimestre e a forma como os professores destes estudantes costumam avalia-los acaba por reforçar esta ideia de que o mais importante é a nota e não a construção de conhecimentos.

REFERÊNCIA

- ESTEBAN, M.T. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. **O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar**. Rio de Janeiro-RJ: DP&A, 2002.
- FIGUEIREDO, Patrícia da Motta Vieira. **Estruturação do Trabalho Acadêmico-Científico: O Projeto.Mackenzie** - Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://www.mackenzie-rio.edu.br/pdf/estruturacao.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2013
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas**. São Paulo-SP: Moderna, 2003.
- HOFFMANN, Jussara, **Avaliação Mediadora Uma prática em construção da pré-escola à universidade**, 26ª edição Porto Alegre, Mediação, 2006.
- LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2006.
- VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas. **Virando a Escola do avesso por meio da Avaliação**. Campinas: Papirus, 2008.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Caro (a) aluno (a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida por mim no curso de Pós-graduação em Coordenação Pedagógica pela Universidade de Brasília e a sua colaboração é importantíssima.

Ao respondê-lo caro (a) aluno (a), você terá a oportunidade de refletir alguns minutos sobre a sua participação no seu processo de ensino aprendizagem através da avaliação. Ressaltando que não é preciso identificar-se. Agradeço desde já sua colaboração e informo-lhe que poderá ter acesso aos resultados oportunamente ao final do estudo. Trata-se de uma pesquisa, portanto, não existem respostas certas ou erradas. O importante é a sua opinião sincera. Procure responder todo o questionário.

Desde já agradeço sua contribuição.

Sexo:

() Masculino () Feminino

Idade: _____

1- Para você, o que significa avaliar?

2- Quais as principais formas utilizadas pelos seus professores para avaliá-lo (a)?

3- Você conhece os critérios de avaliação usados pelos seus professores para avaliá-lo (a)? Em caso afirmativo, cite alguns deles.

4- Você concorda com as formas como costuma ser avaliado? Por quê?

5- Você acha que as atividades utilizadas pelos seus professores para avaliá-lo (a) são coerentes com a forma como os conteúdos são trabalhados em sala? Explique

6- Você acha que as suas notas refletem seu nível de aprendizagem? Por quê?

7- Em sua opinião, qual seria o melhor modo de avaliá-lo (a) de modo que os resultados obtidos sejam coerentes com o que você aprendeu?

8- Em sua opinião, qual seria o melhor modo de avaliá-lo (a) de modo que os resultados obtidos sejam coerentes com o que você aprendeu?
